

ENTRE DESEJO E GOZO: A ÉTICA DA PSICANÁLISE SEGUNDO FREUD E LACAN

Referência:

VIEIRA, M. A. . Entre desejo e gozo: Freud, Lacan e a ética da psicanálise. *Saúde, Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, v. 20, n. VII, p. 42-50, 2000.



[Clique aqui para ampliar](#)

Introdução

A ética é um tema que foi colocado em posição de destaque por Jacques Lacan com relação ao trabalho de uma análise, acima das discussões sobre como lidar com dinheiro ou sobre até onde manter em segredo os ditos do analisante. São questões importantes, que aparecem sempre que se fala em ética e psicanálise, mas que constituem apenas a área iluminada de um campo muito mais abrangente e constitutivo. Lacan indicará, com efeito, que a psicanálise se funda em uma "intuição ética" de Freud, que só pôde agir com suas primeiras históricas a partir de uma espécie de decisão inaugural sobre o que fazer com o que elas lhe diziam. Os conceitos fundamentais da psicanálise iam sendo delimitados à medida que suas pacientes lhe mostravam os caminhos a trilhar, mas estes jamais teriam vindo a ser, constituindo a metapsicologia freudiana, arcaboço teórico-instrumental da psicanálise, sem a escolha de Freud de apostar em um saber inconsciente ali onde todos viam apenas o teatro histórico.

Sabemos que ao falarmos em decisão, escolha e ato, estamos imediatamente inseridos no horizonte da ética, daquilo que se introduz no momento onde se reflete sobre os caminhos a seguir ou sobre quais os parâmetros para a melhor ação. Mesmo limitando-nos e esta noção relativamente vaga de ética – uma definição rigorosa e exata constitui apenas um ideal, filosófico e não psicanalítico – podemos vislumbrar o papel preponderante de um certo rigor ético no exercício da análise, pois uma escolha funda o ato de Freud e esta escolha se renova a cada vez que um analista refaz o percurso freudiano no tratamento.

Isto posto, é necessário ressaltar ainda que a psicanálise funda-se também na descoberta da sexualidade como inerente a ação e à reflexão humana. A crítica ao pan-sexualismo freudiano é superficial e injusta, mas ela tem uma certa conexão com a verdade que reside neste fato: o sexual no homem, uma vez situado na esfera pulsional, deixa de constituir um campo limitado de práticas, mais ou menos satisfatórias, de obtenção de prazer e ganha, com Freud, uma materialização original e radicalmente abrangente. A partir daí, deduz-se a originalidade da ética da psicanálise pois ela vincula-se intrinsecamente à sexualidade.

Tentarei, neste trabalho, situar em que consistiria este debate sobre a ética da psicanálise a partir de sua articulação com o horizonte necessariamente sexual onde se desloca a psicanálise. Para tanto, vou me apoiar nas noções de desejo e gozo, ressaltadas no texto freudiano por Lacan, que situam as coordenadas do campo de uma análise em sua vinculação fundamental com a ética.

Das Pulsões

Tentemos mostrar inicialmente os pontos de apoio de Lacan em Freud que o levaram a estas formulações. Para tal, visando a sexualidade, seremos levados a fazer uma breve incursão no domínio das pulsões. Partirei do princípio que me endereço a leitores que tem algum contato com esta teoria e ressaltarei assim apenas alguns pontos fundamentais:

A grande querela a respeito das pulsões centra-se sobre a sua naturalidade ou não-naturalidade, que poderia ser assim resumida: seria a pulsão um conceito biológico ou psíquico? Algumas passagens de Freud são habitualmente citadas quanto a esse ponto, especialmente aquela onde ele descreve a pulsão como "nossa mitologia", um conceito "na fronteira entre o somático e o psíquico".¹ Não poderemos nos ater a esta questão, que implicaria em uma discussão sobre o estatuto do corpo e da alma em psicanálise, fugindo aos nossos objetivos. Ressaltemos somente que somático e psíquico, ou corpo e alma, não podem aqui ser situados a partir da oposição cartesiana, onde estes, apesar de articulados, são dois reinos radicalmente distintos. Lacan nos indicará, com efeito, os impasses fundamentais aos quais uma tal concepção pode conduzir:

a) Um conceito de pulsão que não é nem orgânico nem psicológico, o elo perdido da passagem do corpo à alma, do animal ao espiritual, o elemento de transição que permite que situe-se o psíquico em algum lugar do somático (este elemento foi buscado com sofreguidão pelos cientistas, tendo sido postulada sua localização nos mais variados espaços físicos, desde a pineal cartesiana até as vias neuronais da serotonina - trilhos onde circula o comboio do Prozac, sede topográfica da tristeza para os cientistas de hoje).

b) A pulsão como instinto, não mais *entre* corpo e alma, mas como *emissário* do animal no homem, ou do corpo no psíquico. O instinto aqui é tomado como o representante de "energias" biológicas que, da mesma forma que em "a", teimam em não materializar sua tonalidade qualitativa mas apenas sua força quantitativa. Estas duas leituras insistem no abismo que separaria corpo e alma e só fazem deslocar a almejada compreensão dos acontecimentos psíquicos para a obscuridade de uma "tendência genética", que apesar de tudo explicar nada esclarece pois escapa-lhe a riqueza subjetiva dos acontecimentos da vida psíquica.

Ora, Freud situa claramente a pulsão além, ou aquém, das necessidades, dos nossos objetos de satisfação e, até mesmo, dentro de certas circunstâncias, de nossos objetos de satisfação alimentar. É somente ao darmos um sentido ao que nos satisfaz que podemos buscar satisfação. É somente a partir da linguagem e da captura das pulsões na rede significativa que poderemos falar em pulsão sexual ou de autoconservação.² Antes disso só há pulsões parciais, indiferenciadas e sem unidade. Isto faz com que qualquer objeto satisfaça igualmente a pulsão já que ela não é geneticamente codificada para este ou aquele objeto. Todo objeto a satisfaz porque nenhum a satisfaz totalmente.

Compreende-se então que o corpo com o qual se trabalha em psicanálise não é o biológico mas o corpo simbólico, que possui uma anatomia distinta cujo maior exemplo é a paralisia histérica e sua anatomia ilógica e simbólica.³ Isto não significa que a psicanálise recusa toda e qualquer realidade ao corpo, mas ela coloca-a como um real para além de nosso acesso direto. Deste modo, partiremos do princípio que a pulsão deve ser situada a partir da linguagem, como algo que circunscreve este real. Deste, só pode-se falar por meio de mitos, e o mito inventado por Freud é seu dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Do dualismo freudiano

A partir do que foi visto, podemos compreender que o dualismo freudiano deve ser situado de outro modo. Este dualismo, bastante conhecido e comentado, concentra todo o problema de Freud com Jung que imaginava a libido como uma grande energia universal não diferenciada. A resposta de Freud se faz através de sua insistência na oposição entre dois princípios. Esta oposição se refere, inicialmente, ao par pulsões do eu (sexuais)/pulsões de autoconservação, deslocando-se mais tarde para o par princípio do prazer/princípio da

realidade, oposição relativa visto que o princípio de realidade pode ser entendido como uma modificação do princípio do prazer. É somente em *Além do princípio do prazer*, com a introdução da pulsão de morte como um princípio fundamental, que se coloca a verdadeira oposição entre esta última e o sistema do princípio do prazer (que abrange o princípio da realidade), situando o par que analisaremos a seguir: pulsão de vida/pulsão de morte. O cerne da questão pode ser resumido assim: Freud parece determinar uma energia própria para a pulsão de morte, para distingui-la claramente das pulsões sexuais cuja energia é a libido ("a inclinação agressiva é uma disposição pulsional autônoma, originária, do ser humano").⁴ Isso implica em uma autonomia da destrutividade que, apesar de só ser colocada de maneira explícita em *O mal estar na civilização*, dez anos após o lançamento destas bases, é bastante clara. As pulsões sexuais visam a "produzir unidades cada vez maiores e, assim, conservá-las" enquanto que a pulsão de morte tem como objetivo: "ao contrário, dissolver nexos e, assim, destruir as coisas do mundo".⁵

Por um lado, através da separação das pulsões do instinto, e por outro, a partir da divisão da pulsão em duas formas básicas (situando as pulsões sexuais e de autoconservação no interior da pulsão de vida), nós teremos Eros e Tanatos não tanto como duas tendências governando o homem; dois instintos já programados pela natureza com toda sua carga de sentido subjetivo: vida, amor, construção (que apontaria para o casamento das formas apolíneas), de um lado e morte, agressividade destruição (materializada na promiscuidade dos excessos dionisíacos), de outro; mas sim como dois princípios que estruturam o homem, um princípio conjuntivo e um princípio disjuntivo, que são intrinsecamente articulados e que podem se materializar em vários níveis, no nível das paixões, por exemplo, como ódio e amor, e no nível das ações como mal e bem.

Do bem e do mal

Pode-se perceber assim a profunda implicação da teoria das pulsões com o horizonte ético da psicanálise. A leitura lacaniana de Freud se encaminhará neste sentido.⁶ Lacan tornará possível, assim, desvencilhar a pulsão tanto das conotações cartesianas e fisiologistas que lhes eram atribuídas explicitamente como das tonalidades moralistas implicitamente associadas a uma oposição absolutizante entre pulsão de vida e pulsão de morte. Esta leitura lacaniana, sobretudo a que define a pulsão como um real circunscrito em sua relação ao grande Outro da linguagem, se estabelece ao longo de todos seus trinta anos de ensino em seminário. No entanto, em seu *Seminário VII*, a partir de uma reflexão sobre a ética da psicanálise, Lacan ilumina a estratégia do jogo pulsional, esclarecendo como as pulsões, que apesar de se darem necessariamente como opostas, são articuladas. Ele inscreve a pulsão de morte como algo a ser pensado como "vontade de destruição". Esta não deve ser compreendida como a destruição das coisas do mundo num sentido nihilista, mas sim no sentido de desfazer as coisas conservadas pela pulsão de vida. Entendendo o "retorno ao inorgânico" de Freud como "dissolução de organizações estabelecidas", temos uma concepção radicalmente diversa do que seria este princípio disjuntivo. Ele é na verdade o responsável pela mudança por visar a superação da monotonia do mesmo enquanto que a pulsão de vida visa apenas a preservar o mesmo através de sua reprodução infinita. Afinal, é apenas por que as coisas se desfazem que outras poderão ser criadas.⁷

Lacan adverte-nos ainda que a pulsão de morte também não deve ser considerada como uma inclinação ou uma tendência, mas como um princípio, algo que está presente a cada momento regendo cada começo. Pensá-la associada a uma evolução ou como algo que tem sua origem em uma força transcendente seria introduzir a dimensão divina. Isto explica

porque Freud deixa claro que não devemos pensar este processo de constituição do novo num sentido teleológico, este se dá simplesmente porque as formas se saturam dando condições para uma ação manifesta da pulsão de morte. Uma indagação metafísica sobre a origem da pulsão de morte é tão ociosa para a psicanálise quanto a questão da origem da linguagem. Nesse sentido, ela também não pode ser pensada como algo que se instaura após a ação da pulsão de vida (isso seria estar em acordo com a "tendência ao retorno ao inanimado"). Ela deve ser situada, segundo Lacan, "para além deste tendência como vontade de destruição direta (...), vontade de criação a partir do nada, vontade de recomeçar."⁸ Se houvesse somente Eros, todas as diferenças se dissolveriam num grande todo final, numa massa indiferenciada. Isto significaria o desaparecimento do sujeito e do desejo pois sequer sairíamos de um narcisismo original, indiferenciado, algo da ordem de um real anterior à linguagem.⁹

Do desejo

Vimos que o campo pulsional é fundamento da ética, entretanto, neste percurso, percebemos que devemos estender a articulação entre os dois princípios pulsionais ao terreno da sexualidade. Não podemos apenas superpôr Eros, vida e sexo, pois Tanatos tem seu lugar na sexualidade.¹⁰ Vimos que a sexualidade não é regida apenas pelo princípio do prazer, é preciso situar aí o mais-além deste princípio fixado por Freud na pulsão de morte. Só assim teremos a articulação fundamental entre ética e sexualidade. Para este fim, Lacan desenvolveu dois conceitos essenciais: desejo e gozo.

O desejo humano é situado por Lacan como desejo de nada, por não ser nunca satisfeito. O verbo desejar deve assim ser compreendido como intransitivo: não desejamos algo, simplesmente desejamos. Como vimos acima, não há um objeto que satisfaça a pulsão. Existem apenas substitutos que, uma vez obtidos, já não representam mais aquilo que se pensou faltar. É justamente por estar assim estruturado que o desejo é humano, já que o animal tem programado em si o objeto que o satisfaz, seja este sexual ou alimentar. Com o advento da linguagem, algo desta satisfação animal é perdido para não ser jamais reencontrado. A partir daí, o homem funda-se, como tal, em seu desejo, que é sempre desejo de algo outro, diferente daquilo que se apresenta como objeto de satisfação. Não nos esqueçamos, entretanto, que estes objetos serão determinados pela cultura, isto é, pelo simbólico, constituindo as únicas formas pelas quais o desejo pode vir a se expressar, mesmo concebido como jamais passível de satisfação. Compreende-se então a máxima lacaniana: "o desejo do homem é o desejo do Outro".

Embora este objeto fundamental que satisfaria o homem não exista, ele pode ser abordado como conceito. Lacan o designará através de um termo colhido no *Projeto* de Freud: *Das Ding* (a Coisa), que se situa num nível distinto de *die Sache* (as coisas do mundo). Estas são governadas pelo princípio do prazer, são os objetos que podem ser inscritos como bons ou maus, enquanto que *Das Ding* deve ser pensado como aquele objeto que está para além do mundo humano e que condiciona seus objetos. Ele é algo em relação ao qual o sujeito se estrutura, o real inacessível em relação ao qual o simbólico se organiza. Ele só pode ser representado como um vazio, pois não tem existência no mundo dos objetos, sendo antes uma dedução a partir da estrutura do desejo do que seu "objeto" primordial.

Da ética

Desta forma, a ética da psicanálise não promete um Soberano Bem que poderia ser atingido neste ou em outro mundo. A pulsão de morte não é portanto uma malignidade originária, mas um princípio que não age sem o seu oposto, estes dois elementos antagônicos fundam o homem. Nada indica-lhe assim o que é bom ou mal. *Das Ding* não é bom ou mal em si mas constitui o horizonte segundo o qual os objetos bons ou maus vão se situar.

Não há uma completude ou satisfação final nem um objeto a ser oferecido como prêmio. Há simplesmente a visão de sua impossibilidade a partir da retomada dos circuitos singulares do desejo do sujeito no desenrolar do processo psicanalítico. Uma pacificação final é impossível assim como o mandamento "ama o próximo como a ti mesmo" é irrealizável, pois ambos implicariam no desaparecimento do sujeito enquanto ser desejante. Se não há nenhuma capacidade natural que oriente-nos na distinção entre o que é bom e o que é mau, a pergunta "como ser bom?" terá uma resposta unicamente ao nível das *Sache*. É o que Lacan chamará de "moral do serviço dos bens". Esta moral, judaico-cristã no nosso caso, nos conduz à renúncia pulsional, a renúncia do desejo. O bem do outro é uma muralha contra o desejo, e a procura do prazer (próprio ou do próximo) não é equivalente à procura do desejo, elas são antes contrárias.¹¹

Nós podemos perceber, deste modo, que é num contraponto à moral a serviço dos bens que a psicanálise se coloca. Estes bens em questão não são o bem do sujeito, mas do Outro. Trata-se de renunciar à diferença, à nossa singularidade e querer o que é bom para o outro, aquilo a que somos levados desde o berço, submetendo-nos às exigências dos pais por exemplo.¹²

Lembremo-nos que o desejo do homem é esta busca incessante de *Das Ding*, que não pode ter satisfação pois esta implicaria na desaparecimento do desejo, e por conseguinte do sujeito, já que o desejo nos constitui. É por isso que Lacan formula a máxima "a única coisa da qual se pode ser culpado é de ter cedido sobre seu desejo". Ele cria um deslocamento semântico em francês através do uso de *ceder sur* (ceder sobre), que não é sua forma habitual, para indicar algo como "abrir mão de seu desejo". Só se pode ser culpado assim de abrir mão de seu desejo.¹³ Cabe entretanto ressaltar que não se trata de um imperativo amoral que implicaria em cada um seguir seu desejo particular - entendido como suas pulsões reprimidas, etc., pois o desejo não tem um conteúdo, sendo puro desejar. Além disso, a definição do desejo para Lacan implica uma singularidade absoluta e, ao mesmo tempo, sua existência unicamente na relação do sujeito com o Outro da cultura. Assim, não abrir mão de seu desejo significa por um lado afirmar sua essência e, de outro, fazê-la existir dentro de um quadro social.

Mas Freud, em seu *Mal-Estar na Cultura*, demonstra que a renúncia pulsional alimenta a consciência moral pois o supereu é formado justamente pela interiorização da agressividade voltada para o eu. Desta forma, quanto mais renunciamos, mais o supereu tem energia para tyrannizar o eu. É o que poderíamos chamar com Lacan de paradoxo da consciência moral, observável no cotidiano: quanto mais alguém é pio, mais se considera culpado, o que provoca novas renúncias.¹⁴ A dívida com o supereu jamais será saldada. Não podemos nos livrar deste sentimento de culpa, da perda que se instaura com o advento da linguagem, pois, segundo Freud, o sentimento de culpa é expressão do conflito entre Eros et Tanatos, mas podemos nos colocar diante desta perda de variados modos. O sintoma vai constituir-se justamente numa maneira específica de lidar com esta culpa.

Do sintoma

Chegamos assim ao sintoma, com o qual gostaria de concluir. O sintoma constitui-se no intuito de isolar este real de *das Ding* que não é nem bom nem mal em si, sendo entretanto vivido como insuportável pelo sujeito por implicar em sua desaparecimento. É o que Lacan chama de *jouissance*, o gozo. No desejo, o sujeito se afirma como aquele que busca *das Ding*; no gozo ele desaparece, pois encontrar este real equivale a voltar à um momento anterior à sua constituição.

O gozo, esta satisfação real e impossível, ao mesmo tempo, alimenta o desejo, pois é sempre parcial, e o destrói, naquilo que evoca de uma satisfação absoluta. Estabelece-se assim um balanço entre desejo e gozo, onde o gozo de *Das Ding* é ao mesmo tempo o Supremo Bem e o Supremo Mal, que jamais será alcançado totalmente e que insistirá sempre, parcialmente, mantendo vivo o desejo.

Somente a partir da linguagem o sujeito isolará o gozo. O sintoma é uma destas maneiras, localizando o gozo para inscrevê-lo, seja no corpo, através, por exemplo, de sua fixação histérica, seja, por exemplo nas formações obsessivas. Nos dois casos Lacan demonstrou que é a linguagem que fixa o gozo (no primeiro caso o significante imprime-se no corpo, é a paralisia histérica, no segundo ele parece anular os afetos, como faz o obsessivo). Nos dois casos haverá uma redução do desejo e uma realização de gozo que reduz a culpa. Esta redução será entretanto sempre relativa, e censurada, pois o gozo em si é angustiante, já que o gozo pleno equivaleria à morte.

A análise se dá em um caminho inverso: trata-se de afirmar o desejo, de mantê-lo como abertura e não como resíduo recalcado, através do esvaziamento das formações sintomáticas particulares do sujeito. Estas são revisitadas pouco a pouco e seu papel de barreira ao desejo perde função a partir da condução do sujeito na direção desta fronteira, o limite do mundo dos bens. *Das Ding* aparecerá em cada situação sob um novo prisma, não mais como o mal radical, mas como um horizonte que organiza os bens e os males particulares do sujeito.

O importante aqui não é examinar detalhadamente como a psicanálise pode operar neste sentido, mas demonstrar como o gozo aparece ao sujeito, sempre relacionado ao domínio do sexual, que é o lugar por excelência onde o real se dá. A sexualidade é o domínio onde uma satisfação do tipo animal é mais afastada. Isto porque é no terreno da sexualidade que a falta de uma satisfação adequada é mais evidente. É onde o desejo é soberano, estando completamente dissociado dos objetos de satisfação. A psicanálise comprova, com efeito, que se pode obter satisfação com praticamente todo objeto (o feticista constitui sua demonstração mais contundente). O gozo será percebido como sexual e terá, na linguagem, uma valência estabelecida a partir de sua parcialização, sendo clivado em bom, o gozo do amor, ou mau, o gozo do ódio. Entretanto, é no terreno da sexualidade onde ele tenderá mais a se manifestar ao mesmo tempo com as duas valências, impossibilitando a operação de purificação de seu componente de destruição e constituindo-se como essencialmente traumático.

Tomemos um caso de Freud que ilustra como a formação do sintoma gera uma determinada percepção do real, identificado fundamentalmente com o sexual e inscrito no campo ético do mal. O sintoma estabelece uma relação específica entre o sujeito e o real, o qual, insistindo no sexual e traumatizando o sujeito, poderá assim ser reconhecido como o mal. É este o trauma. Trata-se de Emma.¹⁵ Seu sintoma é uma fobia que se manifesta no medo de entrar sozinha em lojas por temer comentários sobre sua vestimenta. Existe uma primeira lembrança, associada à ocasião em que ela entrou em uma loja, onde foi objeto de gracejos de um empregado (que havia despertado seu interesse), aparentemente relacionados à sua maneira de vestir. Uma segunda lembrança vai ganhar sentido a partir da primeira: trata-se

do fato de ela ter sido beliscada sob a saia, também no interior de uma loja, desta vez pelo proprietário, um senhor de mais idade. A lembrança mais antiga adquire a função de trauma inicial ao ser confrontada à sexualidade que só é inscrita como negativa ou má a partir da segunda situação, que liga este encontro com sua própria sexualidade. É a partir daí que se forma o sintoma como maneira de evitar este real que insiste no sexual. O novo encontro com este trauma nas circunstâncias específicas da análise permite a deslocalização do gozo do significante "loja", permitindo o desaparecimento deste sintoma particular. É nessa materialização do real, traumático e destruidor, como gozo necessariamente sexualizado, que se funda o sintoma e que se funda a própria psicanálise como exercício ético de uma clínica onde o sexual retoma seu lugar: fracasso do sonho da cara metade mas fim da parasitação do desejo pelo Supremo Bem ou pelo Supremo Mal, impossibilidade de uma relação sexual ideal mas abertura a um mais-além. Isto garante que todos nossos sonhos não são em vão pois fazem-nos viver como desejo incessantemente agitado e não como realização acabada de um sujeito petrificado.

¹ FREUD, S. "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud*, vol VII, Rio de Janeiro, Imago, 1973, p. 171.

² Cf. por exemplo: "Damos o nome de pulsões às forças que postulamos por detrás das tensões geradoras de necessidades do isso", *Ibid*, vol. XXI, p. 148.

³ Cf. FREUD, S. *Op. Cit.* Vol. I, p. 223.

⁴ FREUD, S. *Op. Cit.*, vol. XXI, pp. 108 e 117.(SE)

⁵ *Ibid*, p. 178. A seguinte questão que poderia ser colocada neste ponto: Por que tanta prudência, se esta afirmação era ao mesmo tempo a reafirmação do dualismo defendido por Freud? Garcia-Roza lembra que, enunciada desta forma, esta tese é muito radical, mesmo para quem havia tido a coragem de afirmar a sexualidade infantil e sua perversidade fundamental. A primeira vista ela parece colocá-lo ao lado daqueles que postularam algo a respeito da natureza moral do homem, daqueles que afirmaram uma maldade original do ser humano (Sade por exemplo). Examinando-a mais atentamente veremos não ser esta a posição de Freud. Mesmo assim, sua hesitação em afirmar a independência da pulsão de morte parece clara, pois ele retoma algumas posições anteriores a 1920 em suas *Novas conferências introdutórias* de 1933, fazendo questão de frisar que esta dicotomia repousaria sobre considerações biológicas e assimilando a pulsão de morte à uma tendência a reconduzir o ser vivo ao inorgânico (o que implica em colocar a pulsão de morte como secundária à pulsão sexual). Mas, como vimos, em *Esboço de psicanálise*, um de seus últimos textos, ele retoma sua tese forte sobre o dualismo Cf. GARCIA-ROZA, L. A. *O mal radical em Freud*, Rio de Janeiro, Zahar, 1990, cap. 7.

⁶ É bem verdade que os termos de Freud não sugerem unicamente esta possibilidade, mas acreditamos (e aqui seguimos também Lacan) que é inútil indagarmos se esta seria a leitura "correta" de Freud, isto é, se ele realmente teria querido dizer isto ou não. O que importa é que seu texto permite tais entradas tornando assim legítima esta via.

⁷ cf quanto a estes pontos LACAN, J. *O Seminaire - livro VII (A ética da psicanálise)*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985, capítulo VII.

⁸ LACAN, J. *Op. Cit.* p. 259-260.

⁹ (lembremos aqui as teses hegelianas quanto à "positividade da negatividade")

¹⁰ E o que Freud situa em "O problema econômico do masoquismo", indicando que é impossível e compreender o sexo apenas no registro do princípio do prazer.

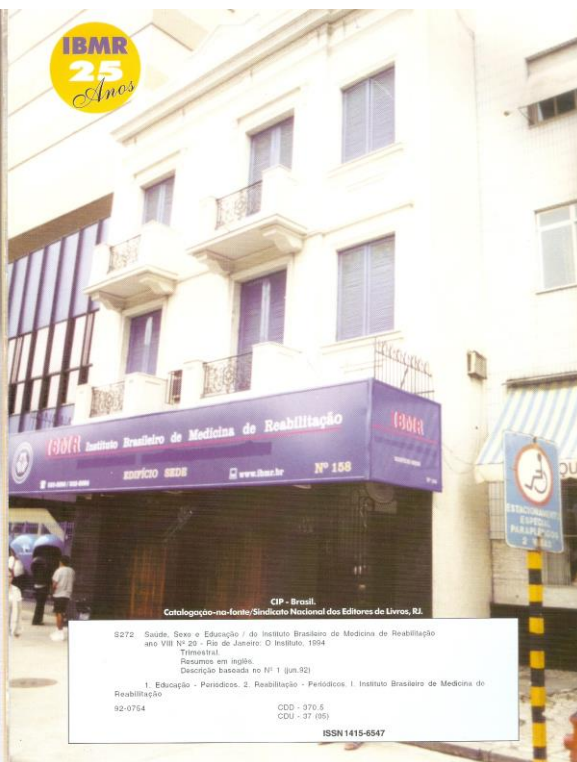
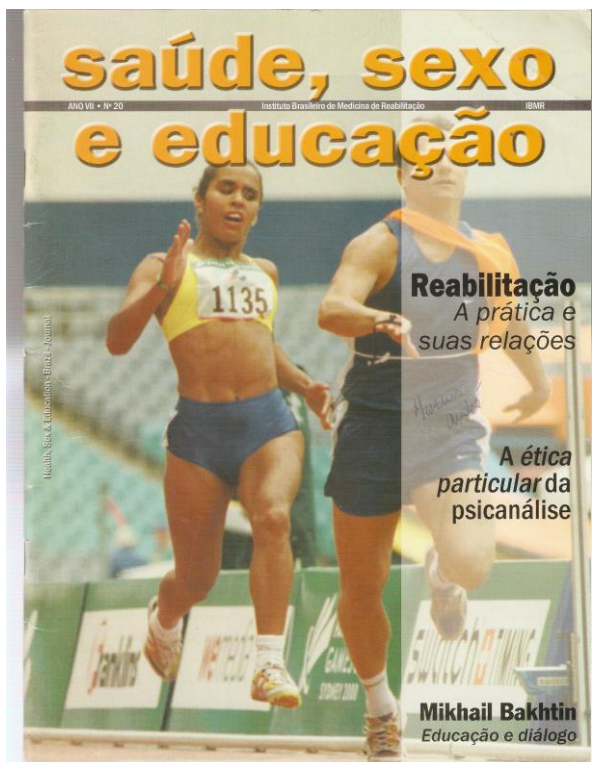
¹¹ *Ibid.*, p. 270.

¹² "o mau é, no começo aquilo pelo qual a pessoa é ameaçada com a perda do amor". FREUD, S. *Op. Cit.*, vol. XXIII, p. 120.

¹³ Cf. Lacan, J. *Op. Cit.* p. 368.

¹⁴ "cada fragmento de agressão de cuja satisfação nos abtemos é assumido pelo supereu e aumenta sua agressão (contra o eu)" *Ibid.* vol. XXI, p. 125.

¹⁵ Citada no *Projeto*, não sendo a mesma dos *Estudos sobre a histeria*. Seu caso é retomado por Lacan (Cf. FREUD, S. *Op. Cit.* vol. I p. 463 et LACAN, J. *Op. Cit.* p. 168).



CIP - Brazil
 Catalogação-na-fonte/Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

0272: Saúde, Sexo e Educação / do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação - ano VII Nº 20 - Rio de Janeiro: O Instituto, 1994
 Trimestral
 Resumo em inglês.
 Descrição baseada no Nº 1 (jun.92)

1. Educação - Periódicos. 2. Reabilitação - Periódicos. I Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação.

Reabilitação:
 92-0764 CDD - 370.5
 CDU - 37 (05)

ISSN 1415-6547

SUMARIO

ESFIGMOMANÔMETRO MODIFICADO E AVALIAÇÃO DA FORÇA MUSCULAR
Verificação da assimetria entre quadriceps e isquiotibiais 6
 ▶ Claudionor Delgado

A CONSTRUÇÃO DO GESTO MOTOR
Amadurecimento psicomotor e exploração assistida de crianças de 0 a 18 anos 14
 ▶ Rogério Santos Martins

CONTEXTO EM DEBATE: RISCOS DA ALTERAÇÃO NA LEGISLAÇÃO DA SEGURANÇA DO TRABALHO 22
 ▶ Jéther Monteiro de Barros

CULTURA EM FOCO: JULIO CORTAZAR E SUA LITERATURA RENOVADORA 24
 ▶ Alicia Ramal

NOTÍCIAS 29

QUESTIONAMENTOS A UMA ESCOLA QUE PRETENDE ENSINAR A LER
Iluminados pelo pensamento de Mikhaïl Bakhtin 34
 ▶ Andrea Cecilia Ramal

ENTRE DESEJO E GOZO
Freud, Lacan e a ética da psicanálise 42
 ▶ Marcus Vieira

RESENHAS

CONSIÊNCIA: UM LIVRO CONCILIATÓRIO? 50
 ▶ Por Sérgio Oliveira

UMA APRESENTAÇÃO DIDÁTICA DO SUPORTE VENTILATÓRIO 54
 ▶ Por Farley Campos

DIRETORIA



DIRETOR-PRESIDENTE
Hermínio da Silveira

- ▶ COORDENADORES
 Fonoaudiologia: *Mônica Rosa*
 Óptica: *Vivian Kazue Andô Y. Sacin*
 Fisioterapia: *Jose Francisco da Silva F^o*
 Psicologia: *Ramona Edith B. Paleraqui*
 Psicomotricidade: *Helena Barbosa S. Marinho*
- ▶ COORDENADORA GERAL DO CICLO BÁSICO
Ivanilde M. Vasconcelos

DIRETOR DE FINANÇAS
Mariusia Alencar da Silveira

- ▶ COORDENADORA GERAL DO CICLO PROFISSIONALIZANTE
Therexinha Cunha
- ▶ CHEFES DE DEPARTAMENTO
 Ciências Biológicas: *Sandra Pellegrini*
 Ciências Sociais: *Lurdes Theresinha Rossi*
 Tinoaudiologia: *Eza Pereira de Mattos*
 Fisioterapia: *Edson Virginia Rodrigues*
 Psicologia: *Telma Vasconcelos*

FUNDAÇÃO SIMONTON ▶ Presidente: Hermínio da Silveira

FACULDADE ▶ Diretor Geral: Hermínio da Silveira